

HÁ COERÊNCIA ENTRE A VIDA E A OBRA DE VIKTOR FRANKL?

IS THERE ANY CONSISTENCY BETWEEN LIFE AND WORK OF VIKTOR FRANKL?

Marina Lemos da Silveira

Instituto de Educação e Cultura Viktor Frankl

RESUMO

A obra de Viktor Frankl é altamente mobilizadora e convoca a pessoa humana a uma postura livre e responsável diante da própria vida. Verificar se isto aconteceu com seu autor, ou seja, verificar se há coerência entre a vida e a obra de Frankl, aumentará a credibilidade não só na teoria, mas na efetividade de sua aplicação. O presente trabalho pretende responder a esta questão em três momentos: 1) Contextualização histórica, familiar e de vida pessoal; 2) A partir de seu livro “Em busca de sentido”, extrair as atitudes que favoreceram a superação dos obstáculos no campo de concentração e relacionar com sua teoria; 3) A partir de seu livro “O que não está escrito nos meus livros”, extrair os princípios de vida do autor. A validação da Análise Existencial e da Logoterapia pela coerência da vida de seu autor com sua obra, como tentamos demonstrar neste artigo, sem dúvida agrega valor inestimável à teoria. Para nós, ficou evidente que a vida de Viktor Frankl é coerente com sua obra. Constatamos a congruência de um homem, vivendo e pensando do mesmo modo.

Palavras chave: Análise existencial. Logoterapia. Viktor Frankl, vida e obra.

ABSTRACT

The work of Viktor Frankl is highly mobilizing and summons in a human being a free and responsible attitude towards its own life. Checking to if this happened to its author, or rather, checking for consistency between the life and work of Frankl will increase the credibility, not only in the theory, but also in the effectiveness of its implementation. This article aims to answer this question in three stages: 1) Historical contextualization, that of family and of personal life; 2) Extract the attitudes that favored the overcoming of obstacles in the concentration camps from his book "Man's Search for Meaning" and relate them to his theory; 3) Extract from his book "Viktor Frankl - Recollections", the principles of the author's life. The validation of Existential Analysis and Logotherapy according to the consistency of its author's life with his work, as we try to demonstrate in this article, undoubtedly proves invaluable to the theory. To us it was evident that Viktor Frankl's life is consistent with his work; we found congruence of a man living and thinking the same way.

Keywords: Existential Analysis; Logotherapy; Viktor Frankl; life and work.

O filósofo Romano Guardini (1949, citado por Marz, 1981, p. 9) disse sobre aquele que ensina que “o primeiro que influi é a personalidade do educador; o segundo, sua maneira de agir; somente em terceiro lugar, o que diz” ou escreve, podemos acrescentar. É fundamental, portanto, haver coerência entre a vida e a obra de um autor, de um mestre, pois isto aumenta a credibilidade de sua obra.

Nestes tempos atuais, de virada de milênio, de crise existencial e de valores, de violência e depressão, Viktor Emil Frankl é citado como o pensador, o cientista, o filósofo que ofereceu uma das mais importantes contribuições para a humanidade. Sua influência tem aumentado significativamente neste início de século e está se estendendo a várias áreas da ciência e da convivência.

A obra de Viktor Frankl é altamente mobilizadora e convoca a pessoa humana a uma postura livre e responsável diante da própria vida. Verificar se isto aconteceu com seu autor, ou seja, verificar se há coerência entre a vida e a obra de Frankl, aumentará a credibilidade não só na teoria, mas na efetividade de sua aplicação.

O presente trabalho pretende responder a esta questão em três momentos:

1. Contextualização histórica, familiar e de vida pessoal.

2. A partir de seu livro “Em busca de sentido”, extrair as atitudes que favoreceram a superação dos obstáculos no campo de concentração e relacionar com sua teoria;

3. A partir de seu livro “O que não está escrito nos meus livros”, extrair os princípios de vida do autor.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA, FAMILIAR E DE VIDA PESSOAL

Quando, em 1905, Viktor Frankl nasceu em Viena, Áustria, a cidade era a sede do Império Austro-húngaro, uma das mais majestosas capitais européias, expoente nas artes, na arquitetura, na filosofia e nas ciências. A Universidade de Viena era foco de atividade intelectual e de criatividade. A comunidade de judeus era numerosa e a grande maioria dos médicos e advogados era judia. Ninguém podia suspeitar que a monarquia e a unidade do Império começavam a desmoronar.

CONTEXTO FAMILIAR

O pai, Gabriel Frankl, cursou Medicina até o 5º ano, mas por motivos econômicos, ou anti-semitas, não pôde se formar. Foi contemporâneo de Freud durante seu curso, na mesma escola que futuramente seu filho Viktor iria cursar. Trabalhava para a monarquia e depois para o governo. Faleceu por inanição no campo de Theresienstadt, sob os cuidados de Viktor. Sua mãe, Elza Lion, descendente de um famoso rabino de Praga, morreu na câmara de gás em Auschwitz. Tiveram três filhos: Walter Augusto, Viktor Emil e Stella Josefina.

Os pais eram judeus praticantes, mas não ortodoxos, e rezavam diariamente. Conviviam bem com os vizinhos, independentemente de suas crenças religiosas. Já enfrentavam a discriminação, mas isto não afetou o sentido de segurança e satisfação da infância.

Viktor nasceu a 26 de março de 1905. Ao longo de sua vida honrou seu pai e sua mãe, mantendo-se fiel a um dos grandes mandamentos da sua fé. Sempre tomava a bênção dos pais, e, depois que o pai faleceu, quando ainda estavam no campo de Theresienstadt, o fazia toda vez que encontrava e se despedia de sua mãe, até ser transferido para Auschwitz.

INFÂNCIA

Viktor teve uma infância feliz, sem carências econômicas, com importantes aportes culturais e religiosos e com um ambiente familiar afetuoso e sereno. O pequeno “Vicky”, como era chamado, passeava bastante com os pais pelas praças de Viena, principalmente na Praça Prater, e desde pequeno já começava a perguntar pelo significado, o propósito das coisas, por exemplo, pelo significado do umbigo, chegando ele mesmo a uma conclusão.

Com três anos, decidiu ser médico; com quatro, manifestou seu interesse pela pesquisa, “inventando” um remédio para quem queria se suicidar, e nesta idade já o inquietava a ideia de morte, de finitude. Com cinco anos, quando despertou, mas ainda mantinha os olhos fechados, sentiu uma imensa felicidade e bem-aventurança, sentimento de amparo e proteção. Ao abrir os olhos, seu pai sorria para ele (Fizzotti & Scarpelli, 2005, p.6).

Com a I Guerra, passaram penúria e fome, pois os alimentos eram racionados; “todos os membros da família aprenderam a sobreviver com poucas coisas e entenderam o significado da palavra pobre” (Klingberg, 2002, p.55) Chegou a pedir pão nas casas de campo, durante férias na terra natal de seu pai, Pohrlitz.

Com 11 anos, Viktor saía de casa às três horas da manhã, inclusive no inverno, para ficar na fila do mercado para sua mãe comprar pão; e depois, ia para a escola. Já nesta idade experimentava a auto-transcendência, mesmo sem saber conceituá-la.

Era um bom aluno, mas frequentemente lento e centrado em seus próprios interesses. Seu corpo era pequeno e raquítico, bem diferente dos irmãos. Com o alpinismo, desafiou suas aparentes limitações físicas. Era alegre e bem humorado e gostava de contar piadas.

ADOLESCÊNCIA

No começo da adolescência, gostava de discussões com os colegas sobre grandes pensadores ou novas ideias da filosofia e psicologia. À noite, assistia aulas de psicologia para adultos.

Quando tinha 13 anos, durante uma aula no *Sperlgymnasium* (onde Freud também estudou), o professor de Ciências falou que a vida não era nada mais que um processo de oxidação e combustão. Viktor ao ouvir isto, enfrentou o professor e perguntou: “Senhor, se é assim, qual pode então ser o sentido da vida?” (Klingberg, 2002, p.65)

Também passou por um período ateu, nihilista, uma crise que foi um período de busca, de perguntas e desesperança. O pessimismo que sentia não era típico dele, mas foi um período importante. Cedeu à ideia de que a vida carece de sentido e é fútil e sucumbiu a alguns efeitos desumanizadores destas ideias. Este período culminou com olhar de frente a pergunta: o que é o que, depois de tudo, humaniza as pessoas? Qual o sentido da vida? Nesta idade já começou sua busca filosófica.

Com 14 anos lia sobre filosofia, psicologia e fisiologia, escrevia seus próprios textos, centrava sua atenção em algumas questões e deixava de lado as notas da escola e algumas das matérias que eram ensinadas ali. Com 15 anos, começou a filosofar por si mesmo. Com 15 ou 16 anos, fez uma conferência sobre o *sentido da vida*, desenvolvendo dois de seus

pensamentos fundamentais (García Pintos, 2007, p.37; Frankl, 2003, p.45-46):

a) não devemos perguntar pelo sentido da vida, porque somos nós mesmos que somos pela vida interrogados.

b) o sentido último transcende nossa capacidade de compreensão, no qual somente podemos crer.

Nestes anos começou a corresponder-se com o Prof. Freud, apaixonado pela psicanálise.

FORMAÇÃO ACADÊMICA

Com 17 anos, escreve o texto: “Sobre a origem da mímica afirmativa e negativa” enviando-o a Freud que o publica, posteriormente, no *Jornal Internacional de Psicanálise* (Frankl, 2003, p.39). Ao mesmo tempo em que se agarrava a Freud, também começou uma relação, que duraria por toda a vida, com o Existencialismo, um movimento europeu que surgiu como reação ao resto dos sistemas filosóficos e científicos dominantes. O jovem Viktor começou a perceber o nihilismo e o reducionismo como uma ameaça, não só para seu próprio ser como para toda a sociedade. Aproximou-se então dos existencialistas mais positivos e otimistas: Martin Heidegger, Gabriel Marcel, Karl Jaspers, Martin Buber, Max Scheler (Klingberg, 2002, p.68-69). Graças a outros filósofos e professores, Viktor pôde sair a tempo de sua crise nihilista e começou a forjar suas próprias convicções. Foi, durante um tempo, porta voz das Juventudes Obreiras Socialistas da Áustria, realizando um trabalho social ligado a Adler.

Em 1924, com 19 anos, inicia seus estudos na faculdade de Medicina da Universidade de Viena. Aos 21 anos, estudante de Medicina, faz um discurso sobre o Sentido da vida, sobre o suicídio e sobre sexualidade para a Juventude Obreira Socialista. Participou e foi excluído da Associação de Psicologia Individual de Adler. Foi vice-presidente da Associação Acadêmica para Psicologia Médica, que tinha Freud como assessor. Nesta associação, deu uma conferência em 1926, com 21 anos, falando de Logoterapia pela primeira vez diante de um público acadêmico.

Com 24 anos criou as três categorias de valores, ou seja, as três possibilidades de encontrar um sentido para a vida (Frankl, 2003, p.53-54):

- a) uma ação que realizamos ou uma obra que criamos;
- b) uma vivência ou um encontro de amor;
- c) dando testemunho da capacidade mais humana possível: a capacidade de transformar o sofrimento em uma conquista humana. Ou, dizendo de outra forma, mudar nossa atitude diante do sofrimento.

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Organizou o Serviço de Orientação para a Juventude em Viena, orientando jovens com problemas psíquicos, gratuitamente. Posteriormente, este serviço foi instalado em mais seis cidades. Em 1930, com 25 anos, organizou uma ação especial na época de entrega dos boletins de qualificações e, como resultado, não se registrou suicídio de escolares, como acontecia sempre nesta época. Por isso, foi convidado a fazer conferências sobre este tema em outros países.

Fez residência médica em Neurologia e Psiquiatria; trabalhou por quatro anos em um hospital psiquiátrico. Em 1937, com 32 anos, abriu consultório. Em 1938, as tropas de Hitler entraram na Áustria; passou a Diretor do Serviço de Neurologia do Hospital de Rothschild, que atendia somente judeus. Com este serviço, conseguiu adiar a deportação de sua família para o campo de concentração. Nesta época, conseguiu o visto para os EEUU, mas permaneceu em Viena para cuidar dos pais.

ENCONTRO COM TILLY

Permanecendo em Viena, conheceu no Hospital sua primeira mulher, Tilly Grosser, enfermeira chefe, de quem escreveu: “Por certo que estive muito impressionado pela sua beleza, mas, mais ainda pelo seu ser”. (Frankl, 2003, p.74). E ainda: “Decidi-me a fazer desta menina minha mulher, não porque era tal ou qual coisa para mim, mas porque ela era ela” (Frankl, 2003, p.76). E foram uns dos últimos noivos judeus que receberam permissão para casarem-se. Já no campo de concentração, no seu aniversário, Viktor lhe escreveu: “Eu desejo para mim, que tu te sejas fiel a ti” (Frankl, 2003, p.76).

Os judeus estavam proibidos de ter filhos, e quando a mulher engravidava, era obrigada a abortar

para não ser deportada. E isto aconteceu com Tilly. Nove meses depois do casamento, estavam no campo de Theresienstadt. Dois anos mais tarde, Viktor foi citado para o transporte para Auschwitz e Tilly apresentou-se espontaneamente para o transporte, mesmo contra a advertência de seu marido. Durante o transporte, “ela foi autenticamente ela” (Frankl, 2003, p.79). Chegando ao destino, foram separados para sempre. Tilly faleceu em Bergen-Belsen, logo após a libertação.

CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO: CORAGEM, PERDÃO, JUSTIÇA

Thereseinstadt, Auschwitz, Kaufering III e Turkheim, foram os campos de concentração pelos quais passou Viktor. Este foi seu testemunho (Frankl, 2003, p.86-87):

Evidentemente, o campo de concentração foi minha prova real de maturidade. Foi o *experimentum crucis*. As autênticas faculdades humanas ancestrais da autotranscendência e autodistanciamento foram verificados e convalidados em forma existencial nos campos de concentração. Maiores possibilidades de sobrevivência tinham aqueles que estavam orientados para o futuro, para um sentido cuja realização os esperava mais adiante. Em relação a mim mesmo, estou convencido que para a minha própria sobrevivência, foi um fator importante a decisão de reconstruir o manuscrito perdido.

Foi publicamente contra a “culpa coletiva”, chegando a esconder em sua casa um colega que havia pertencido à juventude de Hitler e estava sendo procurado. Frankl (1991, p.87) disse que ninguém tem o direito de praticar injustiça, nem mesmo aquele que sofreu injustiça.

ENCONTRO COM ELLY

Poucos dias depois de seu regresso a Viena, disse a um amigo (FRANKL, 2003, p.94-95):

Quando a alguém se sucedem tantas coisas, quando alguém é colocado a tal ponto a prova, isto deve ter algum sentido. Tenho o pressentimento... como que algo me está esperando, como se esperara algo de mim, como se eu estivesse destinado para algo.

Por 25 anos, foi diretor da Policlínica Neurológica de Viena, onde conheceu Eleonore Katharina Schwindt, Elly, sua segunda esposa com

quem viveu feliz por 52 anos. Foi a própria Elly, recém viúva, quem escreveu (Acevedo e D'Adamo, s/d. p.102): “ninguém deveria esquecer-se que Viktor e eu tivemos um casamento extremamente feliz de 52 anos e todos entenderão que levarei muito tempo para encontrar um novo sentido em minha vida”.

Klingberg (2002, p.15), o jornalista americano que publicou a única biografia autorizada de Frankl, escreveu sobre o casal: “É uma história de amor. Mas é mais que isto, pois o afeto que cresceu entre ambos, não se centrava unicamente no casal. Seu amor apontava ao mundo e a uma causa exterior, transcendendo seus próprios limites”.

CIDADÃO DO MUNDO

Foi convidado por mais de 200 universidades dos cinco continentes para dar conferências; recebeu 27 Doutorados Honoríficos de universidades de todo o mundo; recebeu na Áustria, a maior distinção que a República entrega para méritos científicos. Publicou 31 livros em 24 idiomas.

Em relação ao dinheiro tinha uma posição bem definida (Frankl, 2003, p.108/110):

Devemos ter o necessário para não preocupar-se com ele, e não o demasiado para ocupar-se dele... É dito que tempo é dinheiro. Para mim o tempo significa muito mais que dinheiro. Somente quando estou convencido de que uma conferência realmente tem sentido, estou disposto a dá-la, mesmo sem receber honorários.

Tinha um espírito empreendedor que gostava de aceitar e vender desafios. Com 67 anos começou a aprender a pilotar um avião; escalar montanhas foi sua paixão que desenvolveu até aos 80 anos. Até aos 90 anos deu aulas na Faculdade de Medicina de Viena.

Sobre o envelhecer disse (Frankl, 2003, p.113):

Não encontro nada mal em envelhecer, pois na medida que estou envelhecendo, estou amadurecendo. O envelhecer é um aspecto do perecível da existência humana, mas no fundo, é um grande incentivo para a responsabilidade, para o reconhecimento de que o ser responsável é uma característica tão básica como essencial da existência humana.

E ainda: “A morte, como final do tempo que se vive, assusta apenas aqueles que não ocupam o tempo da sua vida” (Frankl, 1989, p.170).

ATITUDES QUE FAVORECERAM A SUPERAÇÃO NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO

Lendo e relendo o primeiro livro publicado de Frankl (1991), *Em busca de sentido*, conseguimos depreender situações e atitudes tomadas pelo autor diante destas situações que nos fornecem importantes dados sobre a sua pessoa e que nos testificam sua coerência, a unidade de sua vida com sua obra. Para facilitar nossa análise, seguiremos a ordem do relato do livro.

HUMILDADE

A humildade é uma característica marcante da personalidade de Viktor. Já no prólogo deste livro ele relata sua intenção de publicação anônima deste que seria um grande “Best seller”. Ele não escreveu este livro comercialmente, muito menos para “desafogar” suas lembranças dolorosas e conseguir livrar-se delas. Ele escreveu pois queria “transmitir ao leitor, através de um exemplo concreto, que a vida tem um sentido potencial sob quaisquer circunstâncias, mesmo as mais miseráveis” (Frankl, 1991, p.10). Pensava que seu relato poderia ser útil a pessoas que têm inclinação para o desespero. E o resultado, o grande sucesso, confirmou sua teoria de que “o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior que a pessoa, ou como subproduto da rendição pessoal a outro ser. Esta humildade introjetada é revelada ainda quando Frankl (1991, p. 17) atribui sua sobrevivência a “milhares e milhares de felizes coincidências ou milagres divinos” e dizendo, sem hesitação, que “os melhores não voltaram”; e quando, após uma brilhante intervenção terapêutica no seu barracão no campo de concentração, quando ele mesmo se achava desanimado e irritado, diz que “certamente deixou de aproveitar muitas circunstâncias externas favoráveis a um contato desses” (p. 81). E mesmo quando foi para o setor de tifo exantemático, com grandes possibilidades de

morrer, não admitia ter sido um sacrifício heróico (p.53).

Em uma conferência realizada em Salzburg em 1957, Frankl (1965, p.130) finaliza se desculpando pela forma enérgica em que tratou dos riscos do nihilismo e do homunculismo, dizendo que pode fazer isto, pois primeiro teve que superar estes perigos nele mesmo e que poderia agora tirar “o cisco dos olhos alheios porque fui forçado a tirar a trave dos próprios olhos”.

Quando fala da consciência moral (*Gewissen*) como o órgão de sentido, como “a faculdade de intuir o sentido único e peculiar que se esconde em cada situação” (Frankl, 1994, p.19), como fenômeno especificamente humano, Frankl agrega a finitude neste fenômeno, ou seja, a possibilidade de falibilidade de consciência. Faz parte, então, deste processo a “incerteza” se acertamos ou não, e também a humildade, como disse Frankl (1989, p. 77):

O fato de nem sequer no leito da morte virmos a saber se o órgão do sentido, a nossa consciência, não esteve afinal submetido a um sentido ilusório, significa, já de si, que a consciência de outrem bem pode ter razão. Humildade, portanto, significa tolerância.

A tolerância não é indiferença, “não consiste em compartilhar a opinião do outro, senão somente reconhecer ao outro o direito de pensar de outro modo” (Frankl, 1994b, p. 81, nota de rodapé).

Neste aspecto, está evidente a coerência da vivência e da teoria.

NÃO JULGAR

Logo na sua chegada ao campo de concentração, vendo prisioneiros de muitos anos se entorpecendo com álcool, disse (Frankl, 1991, p. 22): “Quem vai censurar uma pessoa que se entorpece em semelhante situação interior e exterior?” Em mais outras duas situações, Frankl (1991, p.51/83) revela sua aversão ao pré-julgamento: “Num caso destes ninguém deveria levantar a pedra antes de se perguntar com sinceridade, a toda prova, se com certeza teria agido de outra forma, estando na mesma situação”; e também: “A bondade humana pode ser encontrada em todas as pessoas e ela se acha também naquele

grupo que, à primeira vista, deveria ser sumariamente condenado”.

Viktor Frankl ensina que o ser humano é um mistério, que não podemos imaginar todas as possibilidades de realização de sentido que estão escondidas em cada vida humana. Por isso, tanto o psicoterapeuta como o educador nunca podem desistir de seus pacientes e seus alunos. Devemos sempre acreditar neste potencial, por mais improvável que seja. Cita o caso do prisioneiro que em viagem para sua prisão perpétua, ocorrendo um naufrágio, salva pessoas e acaba sendo ele mesmo salvo de sua pena por sua atitude. Este prisioneiro, como outros no campo de concentração, “já não tinham nada a esperar da vida” (Frankl, 1989, p.146), mas “era a vida deles que tinha missões bem concretas à sua espera” (idem). E este é um ponto chave da aplicação da Análise Existencial: não é o homem que impõe seus desejos e necessidades à vida, que espera da vida; é antes a vida que propõe situações como possibilidade de realização de sentido e espera do homem uma resposta positiva. Nesta resposta adequada, com habilidade, reside a responsabilidade diante da própria vida e, como efeito colateral, a felicidade.

ABANDONO CONFIANTE E SEGUIR EM FRENTE

Em situações nas quais não sabia o que era melhor (Klingberg, 2002, p.162), aprendeu a simplesmente deixar os fatos acontecerem, atitude que tomaria muitas vezes no campo de concentração (Frankl, 1991, p. 23.57); aprendeu a “não assumir o papel do destino” (p.60), “a seguir o caminho reto ou, deixar o destino ir à frente” (p.58).

Viktor Frankl tinha uma capacidade de percepção da realidade aguçada e logo na chegada ao campo de concentração, percebendo “em que pé estão as coisas” (p.24), dá por encerrada toda sua vida até ali, e se lança à nova vida, procurando ver, também aí, as oportunidades de realização de sentido. Após a libertação, experimenta sentimento semelhante, percebendo que “naquele dia, naquela hora, começou tua nova vida. E é passo a passo, não de outro modo, que entras nesta nova vida, tornas a ser homem” (p.86).

A Logoterapia é “menos retrospectiva” (Frankl, 1991, p.91) e mais prospectiva; “se concentra mais no futuro, ou seja, nos sentidos a

serem realizados” (idem) pela pessoa no futuro. Não se prende aos traumas do passado, às perdas, à herança genética, aos condicionamentos sociais, mas se lança ao que a vida espera de cada um e esta visão de sentido a ser realizado é o que propicia o antagonismo psiconoético, a capacidade de sobrepor-se aos condicionamentos psicofísicos pelo “poder de resistência do espírito” que capacita o homem para impor seu caráter humano apesar das condições psicofísicas e das circunstâncias sociais, como diz Frankl (1994b, p. 113; 2003b, p.99) ou Lukas (1989) com o título de seu livro: “A força desafiadora do espírito”.

CAPACIDADE PARA ALEGRAR-SE: HUMOR

Um grande recurso natural de Frankl era sua capacidade de humor, de alegrar-se com pequenas e simples coisas. Ele relata a alegria que sentiram, ele e seus companheiros, quando constataram “que dos chuveiros realmente sai água” (p.25); também as “miseráveis alegrias” e as raras “alegrias positivas” (p.51), sempre aproveitadas. E fico pensando, quantas vezes eu me alegrei por sair água quente do chuveiro, e isto ocorre todos os dias...

Quando ele relata sobre as primeiras reações no campo de concentração, fala do “humor negro” (p.26), uma atitude meio forçada, mas que ajuda a aliviar a tensão inicial. Este tema é retomado no livro que estamos estudando, mas também em outros, pois “o humor constitui uma arma da alma na luta por sua autopreservação. Afinal é sabido que dificilmente haverá algo na existência humana tão apto como o humor para criar distância e permitir que a pessoa se coloque acima da situação” (p.48). Viktor Frankl, no campo de concentração, faz um compromisso com um colega de inventar ao menos uma piada por dia (p.48). Estas piadas estavam geralmente relacionadas a uma visão de futuro, um fato que poderia ocorrer após a libertação. Frankl explica que “a vontade de humor – a tentativa de enxergar as coisas numa perspectiva engraçada – constitui um truque útil para a arte de viver” (p.48). A palavra humor vem de “húmus”, umidade, e realmente serve para umedecer as situações áridas, difíceis. O humor, só à pessoa humana é acessível, nenhum animal é capaz de rir. É importante, entretanto, diferenciar humor de gozação; enquanto o primeiro é uma atitude pessoal diante da situação,

uma disposição habitual, sempre alegre e nunca ofende, e é um recurso efetivo para resolver situações de tensão; o segundo é um ato social, pode ofender, pois descarrega tensões.

Quando é liberto do campo de concentração, Viktor Frankl (p.85) se dá conta: “literalmente, desaprendemos o sentimento de alegria. Será necessário aprender de novo a alegrar-se”. Creio que esta constatação vale para os dias de hoje, onde o hábito da reclamação, da murmuração é muito abrangente: é necessário aprender de novo a alegrar-se, a ver as coisas positivas que recebemos e ser agradecido. A reclamação habitual nos cega para as oportunidades de realização de sentido.

Para a Logoterapia, o humor é um grande recurso, não só terapêutico, mas educativo e administrativo. Está na base do autodistanciamento que possibilita a técnica logoterapêutica da intenção paradoxal, que procura “mobilizar a capacidade para o autodistanciamento no âmbito do tratamento da neurose psicogênica” (Frankl, 1991b, p.33). Frankl diz (2003b, p. 174): “Nada faz que o paciente se distancie mais de si mesmo que o humor. O humor mereceria ser chamado de um existencial”. E ainda (Frankl, 1989, p.327):

Afinal, o humor é um fenômeno humano que, por suas características, possibilita ao homem o distanciar-se de qualquer coisa e de quem quer que seja, e de si mesmo também, conseqüentemente, para se fazer inteiro senhor de sua pessoa. E, sempre que aplicamos a intenção paradoxal, todo o nosso desejo e empenho está em mobilizar este poder essencialmente humano do distanciamento.

Também aqui está clara a coerência entre as atitudes na vida e a proposta teórica de Viktor Frankl.

TRATO CONSIGO MESMO

Ainda durante a primeira fase de reação psicológica do prisioneiro do campo de concentração, era natural que quase todos pensassem em suicídio. Viktor Frankl, diante desta situação, fez um trato consigo mesmo (1991, p.27):

Em virtude da minha ideologia básica...na primeira noite em Auschwitz, pouco antes de adormecer, fiz a mim mesmo a promessa, uma mão apertando a outra, de não ‘ir para o fio’...expressão corrente no campo que designava o método usual de suicídio: tocar no arame farpado, eletrificado em alta tensão.

Em outra situação, fez um trato com seus colegas: juraram “agüentar até ao meio-dia” (p.38). E cumpriu este trato agüentando até ao meio-dia de todos os dias que passou no campo de concentração. Aqui ele volta a um conceito anterior: passo a passo, viver o momento presente, procurando extrair dele todas as oportunidades de realização de sentido, aproveitando-as da melhor forma possível. Um exemplo foi quando o trem de transporte no qual se encontrava passou por sua cidade natal e o prisioneiro de número 119.104 fez todos os esforços para visualizar ao máximo seu ‘beco’ (p.40).

Aqui percebemos o exercício da liberdade apesar de todos os terríveis condicionamentos presentes no campo de concentração, levando a uma decisão plena de sentido, que colaborou inclusive para a própria sobrevivência destes prisioneiros. A capacidade de decisão reside no primeiro pilar da Logoterapia, a Liberdade da Vontade que implica a questão do determinismo versus o pandeterminismo, que juntamente com a Vontade de Sentido e o Sentido da vida, totalizam os três pilares fundamentais desta escola de Psicologia (Frankl, 2005, p.5). “A liberdade da vontade é oposta ao princípio que caracteriza muitas abordagens do homem, conhecidas como deterministas. A liberdade da vontade significa a liberdade da vontade humana, ou seja, a liberdade de um ser finito” (idem, p. 22).

OBSERVAR, DAR-SE CONTA, AGIR

Viktor Frankl relata um episódio aparentemente insignificante, que se não fosse pelo seu espanto com sua própria insensibilidade e por curiosidade profissional, nem se lembraria dela (p.30-31): “Fico olhando, apático. Finalmente doume um empurrão e me animo a convencer o ‘enfermeiro’ a levar o corpo para fora do barracão”. Porém, neste relato, ele aponta três momentos fundamentais de uma ação com sentido: a) olhar, observar – e não se deixar dominar pela apatia; b) dar-se conta, tomar consciência da situação, perceber as “oportunidades de influência criativa sobre a realidade, as quais não deixam de existir também no campo de concentração” (p.72), nem que para isso necessitemos de um ‘empurrão’; c) animar-se e agir de acordo com a tomada de consciência, com a direção apontada por esta nossa ‘bússola’ do sentido.

Neste fato, percebemos que Viktor se deu conta de uma oportunidade de realização de sentido e não obstante sua apatia, respondeu positivamente à sua percepção. Ele mesmo diz em relação à sua teoria (Frankl, 1965, p. 61):

Uma das tarefas das quais se incumbe a Logoterapia é a de ampliar, o mais possível, o campo visual de valores no enfermo, de tal forma que ele se dê conta de toda a abundância de possibilidades – possibilidades de sentido e valor – que estão ao seu alcance; dito de outro modo, que chegue a perceber todo o espectro dos valores.

SABER OUVIR

Sobre um ‘capo’ de seu grupo de trabalho que lhe era reconhecido, Frankl explica: “passei a ser seu protegido desde quando lhe dera atenção ao me contar seus casos amorosos e conflitos matrimoniais... o fiz com visível compreensão profissional e impressionei-o...” (p.33). Viktor Frankl sabia escutar e isso realmente o preservou a vida.

Esta capacidade propriamente humana de colocar-se no lugar do outro e ouvir atentamente é fundamental não só para a Logoterapia, mas para todas as pessoas que se colocam em relação de ajuda com seu semelhante, em qualquer profissão, em qualquer situação, em qualquer escola terapêutica. A Logoterapia enfatiza o encontro eu-tu que possibilita esta atitude de abertura ao outro, uma escuta ativa que permite o interlocutor escutar-se a si mesmo e confrontar suas descobertas.

REFÚGIO INTERIOR E DIÁLOGO ESPIRITUAL

O prisioneiro número 119.104 relata os horrores vividos no campo de concentração visto de dentro. Enquanto o olhar do prisioneiro se concentra no exterior, ele não vê solução, mas quando ele se volta para a vivência do próprio íntimo, há uma mudança de perspectiva. Ele percebe que neste refúgio interior, “permanece aberta a possibilidade de se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior” (p.42). E quando, aparentemente nada mais resta, é constatada a possibilidade da contemplação amorosa da imagem espiritual da pessoa amada e com ela estabelecer um diálogo existencial, sem interferência das

circunstâncias externas; um diálogo real sem a existência física da pessoa amada em si e mesmo independentemente de seu estar com vida ou não. É constatada “a redenção pelo amor e no amor!” (p.43).

Neste recorte do relato da sua experiência no campo de concentração, podemos extrair dois pontos de sua teoria: a liberdade interior e o sentido do amor.

A liberdade interior, “a liberdade espiritual do ser humano, a qual não se lhe pode tirar” (p.67) e que “permite-lhe, até o último suspiro, configurar a sua vida de modo que tenha sentido” (idem) não é perdida mesmo com as prisões e os condicionamentos biológicos, psicológicos e sociais. Pois nos “campos de concentração” dos dias de hoje, como nos da II Guerra Mundial, “se pode privar a pessoa de tudo, menos da liberdade última de assumir uma atitude alternativa frente às condições dadas” (p.66), que lhe permite, mesmo sob estas circunstâncias, “decidir de alguma maneira no que ela acabará sendo, em sentido espiritual: um típico prisioneiro de campo de concentração, ou então uma pessoa humana, que também ali permanece sendo ser humano e conserva sua dignidade” (p.67). Por isso Frankl fala de “liberdade de” condicionamentos, que muitas vezes não podemos nos livrar, e da “liberdade para” tomar uma atitude consciente perante quaisquer condicionamentos que o destino nos proporcionou. “A liberdade, essencialmente, é liberdade frente a algo: ‘liberdade de’ algo e ‘liberdade para’ algo” (Frankl, 2003b, p.94).

De acordo com a Logoterapia, o sentido da vida pode ser descoberto de três formas diferentes (Frankl, 1991, p.100):

1. Criando um trabalho ou praticando um ato; 2. Experimentando algo ou encontrando alguém; 3. Pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável... A segunda maneira de encontrar um sentido na vida é experimentando algo – como a bondade, a verdade, a beleza – experimentando a natureza e a cultura ou, ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade única, amando-o.

O amor “é a única maneira de captar outro ser humano no íntimo da sua personalidade” (Frankl, 1991, p.100), na sua singularidade. E continua (p.100):

Ninguém consegue ter consciência plena da essência última de outro ser humano sem amá-lo. Por seu amor, a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Além disso, através do seu amor, a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar estas potencialidades. Conscientizando-a do que ela pode ser e do que deveria vir a ser, aquele que ama faz com que estas potencialidades venham a se realizar.

Viktor Frankl amou profundamente sua primeira esposa, com quem estabelece este diálogo espiritual; e também sua segunda esposa, com quem conviveu de forma feliz e produtiva por 52 anos.

DAR VALOR ÀS PEQUENAS COISAS, APRECIAR A NATUREZA

Frankl (1991, p. 44) relata: “o que ocupa o pensamento não são as grandes experiências, e sim, muitas vezes, um fato corriqueiro, as coisas mais insignificantes de sua vida anterior”, a sua cotidianidade. Bem, teremos esta lembrança positiva se realizarmos bem tanto as coisas que pensamos ser mais importantes, como as mais simples.

Viktor Frankl observou que esta tendência à interiorização, em certos prisioneiros, “possibilita a mais viva percepção da arte ou da natureza” (p.45) como a observação do sol poente entre os pinheiros altíssimos da Floresta Bávara! Este é um exemplo de realização de valores vivenciais – “enriquecermos a nós mesmos através de nossas vivências, da nossa entrega a uma possibilidade de vivência” (Frankl, 1989, p.83), mesmo no campo de concentração. E nós, quantas oportunidades desperdiçamos desta realização de sentido?

Neste saber enxergar a natureza, Viktor Frankl ensina a perscrutar os sinais da e na natureza (Frankl, 1991. p.45-46). Em um determinado dia, absolutamente cinzento, tanto o crepúsculo, como o céu, como a neve, como os trapos de roupa e também os semblantes estão cinzentos. E neste dia, ainda mais intensamente, ele buscou uma resposta para este sacrifício, para esta morte lenta e num esforço do espírito, alcança um vitorioso e regozijante ‘sim’, apesar de tudo. E neste momento percebe a luz de uma casa distante, como a luz que resplandece nas trevas; e um passarinho pousa à sua frente!

AJUDAR OS OUTROS

Disse Frankl (p.52), mostrando autoconhecimento, com reconhecimento de suas limitações e suas potencialidades:

Já que iria morrer, então eu queria que minha morte tivesse sentido. Alguma espécie de ajuda a meus companheiros enfermos, na qualidade de médico, sem dúvida me parecia ter mais sentido que morrer como trabalhador braçal ineficiente que eu era então.

Nesta atitude está presente a auto-transcendência, “a essência da existência humana” (Frankl, 2003b, p.282), pois “o homem está aberto ao mundo em contraposição aos animais que não estão abertos ao mundo (*Welt*), mas sim ligados ao meio (*Umwelt*)” (Frankl, 2005, p.36). Frankl complementa (Frankl, 1989, p.102):

Só a existência que a si mesma se transcende e se realiza a si mesma; entretanto, aquele que *intende* tão só para si mesmo, isto é, aquele que unicamente tende à realização de si mesmo, decerto que fracassa. O ser do homem é, por sua essência, um ser que está ordenado a algo, que se dirige a algo, quer este algo seja alguém, quer seja uma idéia ou uma pessoa.

Esta ajuda contribuiu para a sobrevivência do prisioneiro 119.104. Mas não somente esta. A vontade de deixar escrito o seu conhecimento, de reescrever o manuscrito que havia perdido no campo de concentração, ou seja, uma obra, um valor, um sentido a realizar, foram fundamentais para sua sobrevivência.

VISÃO DE FUTURO

A visão de futuro, o refúgio na dimensão futura, pode muitas vezes tomar a forma de um truque para a superação de momentos difíceis da existência. É o próprio Frankl (1991, p.73) quem relata, sobre uma experiência vivida no campo de concentração:

Através deste truque consigo alçar-me, de algum modo, para acima da situação, colocar-me acima do tempo presente e de seu sofrimento, contemplando-o como se já estivesse no passado e como se eu mesmo, com todo o meu tormento, fosse objeto de uma interessante investigação psicológico-científica, por mim mesmo empreendida.

Neste recurso, a pessoa objetiva o sofrimento atual, o “abraça”, de uma certa forma, e se vê em um tempo futuro utilizando a aprendizagem decorrente desta experiência de vida de uma forma significativa. A pessoa consegue transformar o sofrimento presente em uma forma de ajuda futura para outras pessoas. Temos vários exemplos disto: pais de crianças com alguma deficiência que criam instituições de apoio; dependentes químicos em sobriedade que trabalham na recuperação e prevenção deste mal; pessoas que sofreram com a violência urbana e se colocam a serviço da promoção da paz... São casos reais, possíveis, de exercício da autotranscendência que Viktor Frankl nos indica como caminho para a realização do sentido da vida.

PRINCÍPIOS DE VIDA

Da leitura atenta do livro de Frankl: “Lo que no está escrito em mis libros”, tanto na versão castelhana como em português (Frankl, 2003 e Frankl, 2010), complementando, itens 2.3.9 a 2.3.11 com o relato de Klingberg (2002, p.386), podemos extrair princípios que nortearam as decisões do autor. Analisaremos se há coerência com sua teoria.

ESMERO E TRANQUILIDADE

Fazer as menores coisas com o mesmo esmero e cuidado que as grandes, e as maiores, com a mesma tranquilidade que as pequenas. Viktor Frankl cita que se deve fazer breves comentários em uma reunião, estes são refletidos e anotados; e se tem uma conferência para milhares de pessoas, prepara com o mesmo cuidado e fala com a tranquilidade como se estivesse falando para poucas pessoas.

Frankl diz que não é a profissão em si que traz sentido ao trabalho, mas a forma com que a pessoa realiza seu ato laboral é que confere sentido. Podemos associar com o descrito acima e dizer que não é o “tamanho” e a importância das pessoas que assistem a uma conferência ou reunião que outorgam sentido à sua participação, mas o empenho com que a pessoa realiza esta ação.

NÃO POSTERGAR

Realizar tudo com antecedência, e não na última hora. Frankl esclarece que desta forma,

quando tem muito a ser feito, não pesará sobre ele a tensão de algo não realizado, além do trabalho em si.

Hoje vivemos com uma exigência de prazos “para ontem”. Com isto sacrificamos nossos relacionamentos, nossa alimentação, nosso lazer, nossa saúde... Será que há sentido nesta “correria”? Será que não fazemos as coisas pressionados pelo tempo cronológico e nos esquecemos do tempo “kairós”, do sentido de situação, do momento presente? O chamado da vida pelo sentido sempre é para a realização de algo possível, dentro do tempo e do espaço. Será que não estamos nos equivocando na busca do que tem sentido e nos deixando desviar pelos distratores de tempo, que roubam nosso tempo de tal forma que sempre estamos deixando as coisas para a última hora?

Creio que este princípio de ordem, de organização nos ajuda a descobrir e realizar o sentido sem aumentar as pressões, sem criar sofrimento evitável.

FAZER PRIMEIRO O DESAGRADÁVEL

Não só fazer tudo com a maior antecedência possível, como fazer primeiro o desagradável, para superá-lo, e somente depois, o agradável.

Frankl fala da alegria de viver e da coragem de sofrer, como duas características fundamentais para se alcançar a felicidade. Quando aceito e realizo a tarefa desagradável primeiro, estou dando meu melhor momento, antes do cansaço, para desempenhar bem a tarefa. E isto já é uma garantia de que a tarefa agradável será verdadeiramente agradável, sem “peso” na consciência, pois o trabalho já está sendo finalizado.

ADMINISTRAR O TEMPO

Viktor Frankl refere que nem sempre agiu assim, mas que após ter estado nos campos de concentração, isto mudou. Passou a sacrificar finais de semana para escrever seus livros, aprendeu a organizar seu tempo, passando mesmo a ser avarento com o tempo, “mas isto é apenas para dispor sempre de mais tempo para as coisas essenciais” (Frankl, 2010, p.34).

Um dos objetivos da aplicação da Análise Existencial na educação é ensinar a saber escolher: o que é mais importante, o que é essencial, o que tem sentido. Viktor Frankl escreve (Frankl, 1992, p.70):

Vivemos numa sociedade da superabundância; esta superabundância não é somente de bens materiais, mas também de informações. Cada vez mais livros e revistas se empilham sobre as nossas escrivatinhas. Vivemos numa enxurrada de estímulos sensoriais, não somente sexuais. Se o ser humano quiser subsistir ante esta enxurrada de estímulos trazida pelos meios de comunicação de massa, ele precisa saber o que é e o que não é importante, o que é e o que não é essencial, em uma palavra: o que tem sentido e o que não tem.

Saber escolher como usar nosso tempo é um desafio diante desta enxurrada, agora acrescida dos atrativos da internet e das redes sociais.

NÃO GUARDAR RANCOR

Viktor Frankl reconhece esta característica como uma “das poucas qualidades realmente boas” (Frankl, 2003, p.22) nele: não se esquecer de algo de bom que uma pessoa lhe tenha feito, e não guardar rancor por algo mal. Um neurocientista famoso, Ivan Izquierdo, disse que nossa memória arquiva aquilo que escolhemos memorizar. Trazendo sempre à memória algum rancor sofrido, é grande a possibilidade de me transformar em uma pessoa rancorosa, mal humorada; porém, se me recordo do bem recebido, de algo bom que as pessoas me fizeram, me torno uma pessoa mais feliz (Izquierdo, 2004). Este princípio proposto por Frankl ajuda a tornar as pessoas mais dispostas à felicidade.

NÃO SE DESESPERAR

Quando lhe acontece algo, por exemplo, uma ofensa, se ajoelha em pensamento e deseja que não lhe aconteça, no futuro, algo pior. Esta é uma estratégia para ajudar a superar as ofensas e encontrar a arte de bem viver.

VER SEMPRE O POSITIVO

Uma estratégia da Logoterapia é ver e valorizar a parte saudável do paciente e não tanto seu aspecto enfermo, de tal forma que expandindo a parte saudável, diminua a parte doente. Esta estratégia coincide com o princípio de ver sempre o positivo.

SER AGRADECIDO E CELEBRAR

Toda pessoa deveria sentir-se agradecida pelas situações oportunas vividas, pelos acasos da sorte, pelas providências recebidas, pelo apoio encontrado, e recordar frequentemente estes fatos; ser agradecido à vida e celebrar, fixando aniversários de situações significativas, para festejá-las.

AJUDAR SEMPRE E EM TODO O LUGAR

Para Viktor Frankl, esta é a maior honra para uma pessoa: ajudar sempre e em todo o lugar. E isto ele fez até o último momento de sua vida. Neste sentido, um estudante de Berkeley que fazia parte do grupo de pesquisa em Viena, indagou a Frankl com a seguinte pergunta: “o senhor viu o sentido de sua vida no fato de ajudar outros a verem sentido em suas vidas?”. Ao que responde Frankl (1990, p. 132): “É a mais exata verdade. Eu escrevera isto de fato.”

RESPONDER COM RESPONSABILIDADE

Responder com responsabilidade, sem importar as circunstâncias, quando sentimos o chamado da vida.

FAZER TUDO O QUE FOR POSSÍVEL

Fazer tudo o que está ao nosso alcance para fazer o mundo melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viktor Frankl propõe a busca e a realização do sentido da vida como a principal força motivadora da pessoa humana e caminho para a alegria, a felicidade. Em uma realidade onde há um aumento alarmante de casos de depressão não só em adultos, mas também em adolescentes e mesmo

crianças, falar do sentido da vida em todos os âmbitos é um imperativo, um sinal de esperança, uma urgência.

A validação da Análise Existencial e da Logoterapia na vida do autor é um argumento a mais, mas imprescindível para a divulgação desta linha de pensamento. Já me questionei se esta teoria teria tanta repercussão e validação se Viktor Frankl não tivesse sido um sobrevivente de campo de concentração. Antes de se tornar prisioneiro, toda sua linha de pensamento já estava pronta, sistematizada. Já havia até escrito um livro com as bases teóricas, mas não chegou a publicá-lo antes do fim da II Guerra Mundial, pois seu manuscrito foi confiscado. E fiz este mesmo questionamento para um grupo de estudantes de Logoterapia. A resposta foi unânime que a escolha de Frankl em “honrar pai e mãe”, o que o fez permanecer em Viena e logo ser deportado para o campo de concentração, que esta escolha foi uma escolha plena de sentido.

A validação da Análise Existencial e da Logoterapia pela coerência da vida de seu autor com sua obra, como tentamos demonstrar neste artigo, sem dúvida agrega valor inestimável à teoria.

Esta opinião é compartilhada com outros autores. García Pintos (2007, p.8) escreve que “talvez, um dos aspectos mais interessantes da vida de Frankl seja a coerência entre sua própria história e sua própria teoria, a congruência de um homem, vivendo e pensando do mesmo modo”. Dr. Oscar Ricardo Oro, da Fundação Argentina de Logoterapia Viktor Frankl disse sobre Frankl (Acevedo e D’Adamo, s/d, p. 78): “Sua vida, coerente com sua obra, situação não muito freqüente no mundo intelectual, nos transporta à atmosfera da ética. Sua conduta responsável e corajosa fica evidente quando temos a sorte de estar perto dele. Todas estas qualidades são as que o constituem em nosso venerável mestre”.

Referências

- Acevedo, G.; & D'Adamo, M. (s/d). *Presencia de Viktor Frankl em Latinoamérica*. Buenos Aires: Fundacion Argentina de Logoterapia.
- Frankl, V. E. (1965). *La Idea psicológica Del hombre*. Madrid: Rialp.
- Frankl, V. E. (1989). *Psicoterapia e sentido da vida*. 3ª Ed. São Paulo: Quadrante.
- Frankl, V. E. (1990). *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas, SP: Papirus.
- Frankl, V. E. (1991a). *Em busca de sentido: Um psicólogo no campo de concentração*. 2ª ed. São Leopoldo: Sinodal e Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1991b) *A psicoterapia na prática*. Campinas: Papirus.
- Frankl, V. E. (1992). *A presença ignorada de Deus*. 2ª Ed. São Leopoldo: Sinodal e Petrópolis: Vozes.
- Frankl, V. E. (1994). *El hombre doliente: Fundamentos antropológicos de la psicoterapia*. 3ª Ed. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. E. (1994b). *La voluntad de sentido: Conferencias escogidas sobre logoterapia*. 3ª Ed. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. E. (2003). *Lo que no está escrito em mis libros: Memórias*. 2ª ed. – Buenos Aires: San Pablo.
- Frankl, V. E. (2003b). *Logoterapia y análisis existencial: Textos de cinco décadas*. 3ª ed. Barcelona: Herder.
- Frankl, V. E. (2005). *Fundamento y aplicaciones de la Logoterapia*. Buenos Aires: San Pablo.
- Frankl, V. E. (2010). *O que não está escrito em meus livros – Memórias*. São Paulo: É realizações.
- Fizzotti, E. e Scarpelli, A. (2005) *Viktor E. Frankl: Dire si alla vita, nonostante tutto*. Torino: Elledici.
- García Pintos, C. (2007). *Um hombre llamado Viktor*. Buenos Aires: San Pablo.
- Marz, F. (1981). *Dos ensayos de Pedagogia Existencial*. 2ª ed. Barcelona: Herder.
- Izquierdo, I. (2004) A mente humana. *Multi ciência, 3*,. Disponível em: <http://www.ufmg.br/online/arquivos/IZQUIERDO.pdf> . Acesso em 21 fev 2009.
- Klingberg, H. Jr. (2002). *La llamada de la vida: La vida y la obra de Viktor Frankl*. Barcelona: Integral.
- Lukas, E. (1989). *Logoterapia “A força desafiadora do espírito”*: Métodos de Logoterapia. São Paulo: Loyola e Santos/SP: Leopoldianum.
- MÄRZ, F. (1981). *Dos ensayos de pedagogia existencial*. 2ªed. Barcelona: Herder.

Recebido em: 16/01/2013

Aceito em: 15/02/2013

Sobre a autora

Marina Lemos Silveira Freitas. Doutora e mestre em Medicina pela USP-RP e especialista em Logoterapia aplicada à Educação; Acadêmica do curso de pós-graduação em Análise Existencial e Logoterapia de Viktor Emil Frankl, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Campus Curitiba. E-mail: marinalemossf@hotmail.com.